

Está na hora do **QUÊ** encontrar o **COMO**

Há tão pouco tempo presente na face da Terra, o homem tem sido seu maior agente de transformação. Esse ser com capacidade de fazer uma tremenda bagunça deve, na mesma proporção, ser capaz de criar uma bela arrumação

Lala de Heinzelin

Um ser humano sem criatividade é como tartaruga sem carapaça, canguru sem pernas ou borboletas sem asas. Além de ser o atributo primeiro da vida, criatividade é a ferramenta básica para ser e estar no mundo. É possível sobreviver com pouco exercício da criatividade, assim como é possível sobreviver sem uma perna, ou sem um rim: é a própria natureza criativa do homem que, faca de dois gumes, faz com que ele se adapte até a viver mal.

Essa capacidade de criar é o que fez com que, em pouquíssimo tempo de presença na face da Terra, tenhamos transformado, tanto, tudo. O planeta passou 99,99% de sua existência sem nós e nesse 0,01% de tempo já fizemos uma bela bagunça. Se olharmos o aspecto complementar e pensarmos que se esse serzinho tem capacidade de fazer uma tremenda bagunça, deve ter, na mesma proporção, capacidade de fazer uma bela arrumação.

Será que estamos chegando perto desse momento da história, de mais arrumação do que bagunça? De gerar mais harmonia do que separação? E aqui chegamos a uma palavra-chave, que é também característica do Universo e, portanto, nossa, como

microcosmos: harmonia. O que é isso? Talvez um arranjo agradável, funcional, entre partes diferentes. "Isso e aquilo" combinados, dentro de um todo coerente, gerando uma terceira coisa.

E o que é criatividade? Também não é juntar o "isso e aquilo" diferentes, gerando uma terceira coisa? É, aliás, aquilo que junta "isso e aquilo" não é o amor? Mas, se vida é criação, que é harmonia, que é amor,

o homem sempre escravizou outro homem, por milhões de anos. Faz só um século que isso acabou. Então, não deu tempo de criarmos outras formas de relacionamento que não sejam baseadas na posse, numa relação em que existe o que manda e o que é mandado.

É a própria natureza criativa do homem que, faca de dois gumes, faz com que ele se adapte até a viver mal

por que será que as coisas ainda não estão tão harmônicas como gostaríamos? E por que será que usamos só uns 5% do nosso potencial?

Vamos dar um desconto a nós mesmos. Digamos que "ainda não deu tempo". E é verdade. Por exemplo:

To be or not to be

Parece que sempre pensamos e agimos de forma dividida: os que têm e os que não têm; os da religião e os de ciência; o masculino e o feminino; os de cor assim e os de cor assado. Isso fez de nós verdadeiros "sacis": sempre andando numa perna só. Hoje, começamos a "andar em duas pernas" e isso fica evidente na moda, nas ruas, nos costumes e até nas novas visões da ciência.

A física e a biologia modernas propõem que o mundo mudou: não é mais aquele mundo onde as coisas *são*. Se tudo é energia e matéria em permanente mudança de estado, se tudo é processo, probabilidade e escolha, significa que as coisas não *são*, as coisas *estão*. Esta sim é a questão: "To be





feito de probabilidades, de potencialidades à espera de uma escolha para se concretizar? Criatividade é isto: enxergar a gama de potencialidades contida em cada coisa.

É uma questão de escolha o que transforma garrafas em paredes e instrumentos musicais ou em lixo entulhando praias e ruas.

É aquilo que nos lembra que os problemas estão menos nos *o quês* e mais nos *como*.

É aí que tudo começa a ficar mais complicado. Primeiro, porque nossa visão de mundo foi sempre uma visão excludente: isso ou aquilo, certo ou errado, essência ou forma, o *quê* ou *como*. Insistimos muito em andar na "perna" do *o quê* mas, se essa perna fosse suficiente, o mundo já estaria em harmonia. Afinal, no *o quê* em geral concordamos: dificilmente se encontra um ser humano cujo objetivo não seja a felicidade, sua e dos outros.

A questão agora é conquistar a perna do *como*. É passar de pensamentos e ações *exclusivas* para um jeito de "ser e estar" *inclusivo*. "Isso *ou* aquilo" é exclusão e gera um mundo de excluídos. "Isso *e* aquilo" é inclusão, criação, e pode gerar um mundo de harmonia.

Por que só os *o quês* não bastam? Matéria e energia estão em constante mudança de estado e, se a observação pode influenciar isso, por que não é só a gente sentar, pensar num mundo melhor e pronto, ele muda?

Por causa dos *comos*, da forma. Ou seja, da tendência que a energia tem

de se organizar em formas pré-existent. E aí, novamente, nossa ferramenta é a criatividade, pois, para permitir que uma nova idéia floresça, é preciso uma nova forma.

Isso é óbvio, não é? Estamos cansados de saber disso, não estamos? Mas será que a gente aplica? Quanta coragem nós temos de enxergar e agir de uma nova forma? O quanto de fato acreditamos que só o *o quê* não resolve?

Dono do próprio nariz

Falar dos *o quês*, viver para os *o quês*, sacrificar-se para os *o quês*, dá uma sensação de grandeza, de poder. A sedução da "grande causa". Já os *comos*, eles são pequenos, cotidianos, trabalhosos. O que é mais fácil? Ler e falar sobre transformação ou mudar a própria alimentação? É mais fácil adquirir uma nova informação ou um novo hábito? É mais fácil escrever sobre novos tempos ou tratar bem – e pagar bem – os empregados?

Os *comos* são mais difíceis, por isso continuamos de vez em quando como sacis, seguindo numa perna só e botando a culpa no mundo por nosso movimento ser difícil. E por que pôr a culpa em algo ou alguém? Porque é difícil mesmo ser dono do próprio nariz e das próprias pernas, o que também implica ser co-autor do nariz e das pernas do mundo.

Até há pouco tempo acreditava-se que era preciso "ver para crer". As novas ciências mostram que é o contrário: é preciso "crer para ver". Dá para resolver? Dá. Mas para isso é preciso transformar. Dá para transformar? Dá. Para isso é preciso criar. Dá para criar? Dá. Para isso é preciso acreditar. Crer, acreditar, confiar. Essa é a condição *si ne qua non* para haver criação. Se duvidamos, o processo criativo é abortado. É como se arrancássemos um broto da terra para nos certificar de que suas raízes estão de fato crescendo. ■

Lala de Heinzelin é atriz e diretora teatral.

ot to be, that is the question."
espeare, se falasse português –
ia que tem o privilégio de ter pa-
is mais específicas –, provavel-
te, diria: "Ser ou estar, essa é a
tão." E aí fica interessante: se as
s *estão*, então tudo pode ser tran-
io; as coisas podem "estar" de ou-
rito. É uma questão de escolha. E
voltamos para a nossa primeira
tão: criatividade.
iatividade é justamente aquilo que
nove a mudança de estado, o "es-
de outro jeito. O Universo não é